

# O CENTRO

PUBLICAÇÃO MENSAL E GRATUITA

Director e proprietario:  
**FERNANDO MIRANDA**

Editor:  
**JOÃO MIRANDA**

Brinde do "Centro de Novidades,"

PAPELARIA, LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

136-Rua D. Antonio Barros-140

Redacção e administração

Comp. e imp.

CENTRO DE NOVIDADES-BARCELLOS

A todos os nossos presados leitores e freguezes do CENTRO DE NOVIDADES desejamos

Boas-festas e um novo anno muito feliz

**Vae um ... vem outro**

Vae findar o anno de 1911.

Nasceu elle após os primeiros clarões do sol fecundo e bello da democracia e da liberdade e annunciou-se como um redemptor da patria portugueza.

Decorreu, porem, triste, agitado, tumultuoso e chegou a ser por vezes cruel.

A patria viu-se cercada de perigos e incertezas e no meio de grandes convulsões, que lhe depauperavam as forças e desfaziam o organismo debilitado.

O 1911 desaparece sem deixar brilhar com todo o seu esplendor e grandesa aquelle sol benéfico e generoso e sem conseguir dias de felicidade para o paiz. A culpa foi d'elle. Metteu-se com o diabo e este só sabe fazer diabru-ras.

Vae apparecer o 1912. O que fará elle? Não o sabemos, porque não é possível conhecer o futuro.

E' de crêr, no entanto, que o

novo anno seja melhor — mais pacifico, generoso e feliz, pois é costume «vir a bonança após a tempestade».

Que seja um anno de paz, de progresso e de liberdade, são os nossos votos e os dos bons portuguezes.

Até lá, para que essa esperança nos não fuja, tomemos o chocolate e cacau do «Centro de Novidades», para nós tornarmos mais fortes e robustos e resistirmos, assim, às contrariedades da vida, tantas são ellas ás vezes que até na felicidade, ahí mesmo — oh fatalidade! — as encontramos, embora ahí as possamos vencer quasi sempre sem grande esforço.

E o chocolate e cacau do «Centro de Novidades» são alimentos de primeira ordem — alimentos dos deuses, como muitos competentes lh'o chamam.

**DAS NOSSAS COLLABORADORAS**

## Considerações

Prometti fazer aqui umas ligeiras considerações sobre a interessante carta, que Amiga me enviou e da qual transcrevi neste logar alguns trechos, mas confesso que me sinto embaraçada para o fazer, tal é a minha inferioridade, perante o talento que



*Amiga* revela na sua carta, cuja leitura me impressionou. Emfim, o prometido é vindo e cada qual sabe como sabe e pôde.

*Amiga* interpretou mal o meu artigo. Tentou penetrar demasiado no fundo da minha alma, sondal-a bem, sentir-lhe as suas alegrias, as suas dores, as suas esperanças, as doces illusões da mocidade—numa palavra o amor que lhe dá a vida. Nada conseguiu, porém, embora lhe pareça que sim.

Concluiu que eu fiz uma confissão d'amor e revelei segredos do meu coração, que convinha guardar, é—creia-o a minha *Amiga*—querer inverter a significação das minhas palavras ou pretender advinhar o que me vai na alma.

Sou nova ainda e não me fica mal dizer que amo. O amor é a essencia da vida. Ninguém pôde viver sem amar. Isto não é uma afirmação banal; não o digo só eu: dil-o quem sente e pensa.

Ouçã a *Amiga* um nosso poeta que li ha dias, cujo nome agora não me occorre a mente:

«Por mim sustento, sem temor de errar,  
«Isto que em linguistica é um abôrio  
«—Que viver é synonymo de amar  
«Pois só não ama o coração já morto.

Dizer, pois, que amo, não é confessar amor, pela razão de que este vive connosco, sofre as nossas dôres, os nossos infortunios, ou sente as nossas alegrias e communga das nossas felicidades.

Fazer confissões d'amor... para quê?

Se o amor existe em nós mesmo, se elle faz parte integrante e inseparavel do nosso ser, como o podemos occultar?

Elle transparece nos nossos olhares, nos nossos sorrisos, nas nossas palavras; torna-nos sentimentaes, caritativos, affectuosos e bons; dá-nos fé, animo e vontade firme e decidida; serve-nos de conforto nas nossas desventuras, dando-nos resignação, alimentando-nos a esperança quasi sempre com fagueiras e doces illusões e bebendo as lagrimas de dôr ou de saudade que vertemos quando a adversidade nos toma ou quando o tumulto se abre para receber alguém que leva uma pequena parcella do nosso affecto e da nossa vida.

O que seria a vida sem o amor?

Eu podia neste ponto alongar-me mais, mas o espaço escasseia.

Deixe-me dizer-lhe como o poeta de que já fallei:

«Amar a quem nos deu ou deve a ser;  
«Amar o bello e o bem; e quando amada  
«Nossa alma a outra alma emfim prender  
«Isto é a vida e tudo mais é nada!»

Diz a *Amiga* que eu revelei segredos. Ficou a conhecer alguma coisa da minha vida?

Dei-lhe apenas alguns pormenores, isto é, apresentei-me com a tristeza e a preocupação d'um espirito novo como é o meu e como deve ser o da minha *Amiga*, que provavelmente sofre a mesma commoção e desassocego, embora sob o disfarce da alegria e da pacatez d'espirito apparentes.

Não receie a *Amiga* que eu seja victima da minha «insensatez e imprudencia», pois possuo a alizez necessaria para repellir quem quer que ouse abusar da minha ingenuidade e sinceridade.

Não queria roubar tanto espaço ao «Centro», mas a minha *Amiga* (eu supponho-a ainda amiga) feriu-me um pouco e eu entendi que não me devia callar.

Branca.

## LINDOS CHROMOS

em cartão e livro a 300, 200, 100, 60, 40, 30 e 20 rs.

## Saldos!

O «Centro de Novidades», a fim de apresentar novo sortido, fez a liquidação de varios artigos meudos, taes como estojos de costura, passapartous para retracts, lapiseiras, boquilhas, cortacharutos, escovas d'unhas, sabonetes, travessas e ganchos para o cabelo, cinseiros, etc.

Todos estes artigos soffreram um grande desconto, sendo muitos vendidos por menos do que o seu custo, e, como tiveram muita procura, poucos ainda restam.

Mas esses que ainda ha, convém, pois são vendidos quasi todos com prejuizo.

O «Centro de Novidades», apresentando estes saldos de fim de anno, mostra que tem empenho em proporcionar aos seus presados freguezes todas as vantagens que pôde offerecer.



## Bilhetes de visita Cartões de todas as qualidades

Imprimem-se no Centro de Novidades

Cada cento 600, 500, 400, 360, 300, 240 e 200 rs.

## De raspão...

Meu Bonifacio, acredita que desde que nos appareceu o cumeta as coisas mudam a todos os instantes. Pois se até agora vão mudar os dias!

—O quê, Paulicio? Mudar os dias!... Essa só tua!

—Sim, sim, só minha, mas a questão é que ainda hontem ouvi falla sobre isso a dois homens finos e entendidos que estavam no «Centro de Novidades» a escolher postaes illustrados e cartões de visita para boas-festas.

—Então diz lá o que sabes.

—Olha, meu Bonifacio, as horas vão mudar.

—Mau. Mudam as horas ou mudam os dias?

—Muda tudo. Porque não hão de mudar os dias, mudando as horas? E porque mudando as horas, não mudam os dias?

—Ai que trêta tu tens. Diz lá o que sabes e deixa-te de cãntigas.

—O' Bonifacio, não é preciso dares sorte com essas coisas. Tu bem sabes...

—Qual sei nem qual carapuça. Se soubesse, não te pedia que mo' disseses.

—Lá vaé então. Espera um pouco, tem paciencia. Os dias agora vão ser maiores.

—E quem é que se atreve a fazer isso?

—Ora quem se ha de atrever? Quem manda.

—Essa é boa! Quem manda é Deus e elle não mandou dizer tal coisa; portanto, ninguem sabe e tudo quanto dizem é tolice.

—Não é tolice tal. Deus não se importa com isso. Os dias vão augmentar segundo um decreto. Ora desde que a lei manda...

—A lei pôde mandar, mas a noite é que não está pela conta.

—Eu — digo-te francamente — tenho pena da noite desaparecer, pois gosto immenso do luar e d'aquella pacatez, d'aquella mudez em que a natureza se conserva até aos primeiros alvôres da madrugada. Lá vão as serenatas, as entrevistas amorosas, as ceias, os bailes, os theatros, os arraiaes, tudo de que eu gostava, tudo que me dava prazer e alegria, embora eu ás vezes sentisse affectada um pouco a saude! Ah, meu Bonifacio, isto dá vontade de morrer!

—Socega, socega Paulicio, que isso não pode ser como tu dizes.

—Deus te ouça, Bonifacio, pois, se assim fór, faço-me velho, apesar dos dias serem maiores, de serem maiores os annos e de ser maior, portanto, a existencia d'uma pessoa.

—Ahi estás tu outra vez com os dias maiores.

—Pois tu não sabes que os dias vão ter agora 24 horas?

—Vinte e quatro horas! Será... não sei nada.

—Pois se não sabes fica sabendo.

—D'essa forma acredito que desaparecem as noites.

—Vês como te illudias ha pouco?...

—Não havendo noite, não é preciso petroleo, carboneto, luz electrica, luz Ideal, lamparinas, velas, não se gastam lampeões, torcidas, candieiros, lampadas, mangas e outras coisas. E' economico, não ha duvida.

—Pela mesma razão escusamos de ter quarto, porque não dormimos...

—Olha, meu amigo, levemos isto mais a serio, que até agora só temos fallado em coisas sem pés nem cabeça.

—Eu tambem concordo. Comecemos outra vez. O que é certo é que os dias vão ter 24 horas.

—Sendo assim, os dias têm dobrado tempo. Já não me afflijo com as contas do fim do mez, porque só d'aqui a dois mezes é que tenho de as pagar. A minha creada ha-de esperar dois mezes pela soldada, o meu senhorio pelo aluguer e os negociantes tambem pela conta do mez. Ai que allivio! Mas... mas espera lá. E quando hei-de receber o meu ordenado, os juros dos meus pequenos capitães e a renda do meu caseiro? Não, não pode ser. Isto não bate certo.

—Eu tambem digo o mesmo, mas é que de 1 de janeiro em diante mudam as coisas.

—Agora estão explicadas as greves. O operario precisa de ganhar o dobro da feria porque os dias tambem vão dobrar. Mas — diz-me cá — como se contam as horas?

—O dia começa á meia noite e termina á meia noite seguinte.

—Então sempre ha noites. Dizias que não.

—Disseram-me que acabam não só as noites como as manhãs e as tardes.

—Ahi vem outra. Deixa-te de tolices.

—O' menino, eu digo-te o que ouvi. O resto é contigo.

—Se me disseses que acabava o vento e a chuva que nós tem niortificado...

—O que te digo é que vaé ser o bonito. As horas contam-se depois da meia noite: uma, duas, tres... até 24, as quais deitam precisamente até á meia noite seguinte. Imagina que quando forem 4 horas da tarde e querendo saberes quantas são, tens de pôr o ouvido attento e contares 16 badaladas!

—N'esse caso imagina tambem que me lembro de ir ao Porto hoje, no comboio correio que saé ás 5. Se me ponho a contar as horas e não vou para a estação, quando a esta chegar já o comboio está em S. Bento!

—E quando baterem as 24 horas? Deve ser um barulho medonho. Vinte e quatro horas!...

—De maneira que se passa o dia... a dar horas.

—Mas já que os dias são maiores, tambem se come melhor e mais vezes. O azeite, o bacalhau, o arroz e o assucar devem vir para mais baratos.

—Espera por isso. Isto está tudo de cada vez mais barato!... O barato agora é caro, carissi-



mo. Acabaram os barateiros, só o «Centro de Novidades» é que vende artigos baratos. Como a fim de anno, tem vendido muitas meudezas por preços baratissimos. Aquillo é que é um bom estabelecimento.

—Lá isso é verdade, só tenho pena de não me ter dado a sorte grande do Natal. Em mim era mais bem empregada do que lá nesse felizardo da Africa. Se me saísse a mim o premio, mandava vir um relógio dos novos para me regular melhor...

—Então os relógios mudam?

—Não, mudam os mostradores que só tem 12 horas.

—E as horas novas começam ao mesmo tempo que as velhas?

—Não, começam depois, cerca de 37 minutos.

—Pois, seja como fôr, enquanto o relógio do David não adherir, isto ha de continuar na mesma—ha-de haver noite e dia com manhã e tarde e não se ouvem mais de 12 horas, a não ser que elle adhira depressa.

—O cumeta foi uma coisa medonha que nos appareceu. Está tudo a mudar.

Isto acabará por nos mudarmos tambem?

Fechaduras.

**Macetes para kalendarios  
a 60 e 40 rs.**

## POSTAES ILLUSTRADOS

O «Centro de Novidades» tem à venda um sortido completo em postaes illustrados, desde os mais simples aos mais luxuosos, e o que ha de novidade e mais chic.

Postaes com o presepio ou com phantasias, boas-festas e anno feliz a 20 rs.

Postaes com brilho e dourados com o nascimento do Menino Jesus a 30 rs.

Postaes com surpresa, armando em guarda-soes, automoyeis, janellas, casas com noivos, livro com chromos finos, pombas, flores, etc., a 280, 180, 160, 120, 100 e 90 rs.

Postaes em pellucia de sêda

com espelho de cristal, flores em velludo, leques, navios em celluloides a 300 rs.

Postaes em seda com espelho de abrir a 400 rs.

Postaes em seda com flores tambem de seda a 240 e 160 rs.

Postaes em pellucia de seda com sachets perfumados ou com pombas, miosotis, amores perfectos a 320 e 280 rs.

Postaes em pellucia de seda e com leques ou guarda-soes em celluloides, de abrir, a 360 rs.

Postaes finos com pombas e bouquets de flores a alto relevo e com brilhantina a 60 rs.

Postaes com 1902, com o fundo a brilhantina ou simples, a 120 e 50 rs.

Postaes com bustos de mulheres formosas com cabelleira sobreposta a 80 rs.

Postaes finos com flores, bustos idylios, creanças e phantasias a 40, 30, 20 e 10 rs.

Todas as qualidades de postaes.

Inscripções a ouro: Boas-festas, anno feliz, felicitações, parabens, para collar em postaes. Cada 10 rs.

O «Centro de Novidades» é a casa que melhor sortido apresenta. Preços baratos.

A imprensa local os nossos agradecimentos pelas amaveis referencias ao modesto trabalho que o «Centro de Novidades» apresentou—a

**Agenda Barcellense.**

1904  
Pague quantos q' quiser de  
Barcelm, 5 de Junho de 1912  
Alf. H. Guimarães  
C. Silva